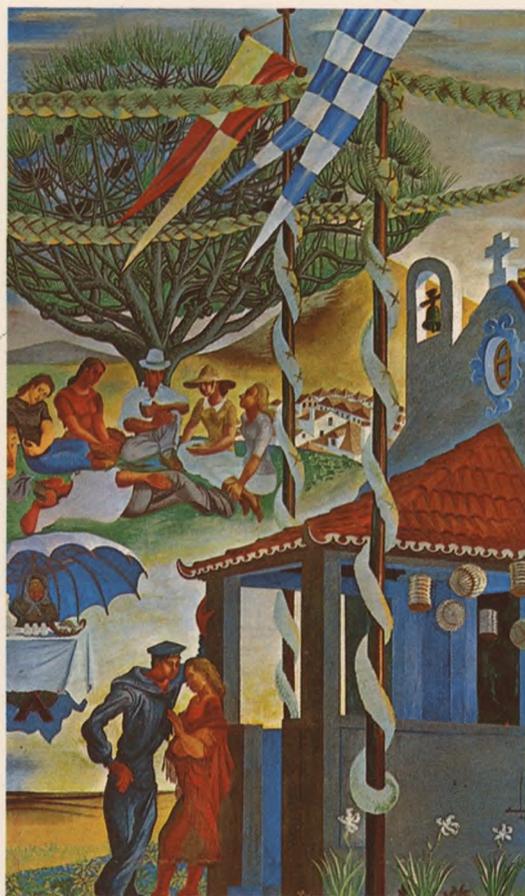


O SAGRADO E O PROFANO

HOMENAGEM A J. S. DA SILVA DIAS



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1987

Recensões

- 7.3.2. Institución religiosa y poder político
 - 7.3.2.1. Iglesia-Estado: Generalidades
 - 7.3.2.2. Tipos de relación Iglesia-Estado
 - 7.3.2.3. Iglesia, nacionalismo y construcción nacional
 - 7.3.2.4. La conflictividad y sus áreas
- 7.3.3. Afiliación religiosa y comportamiento político
 - 7.3.3.1. Actitudes políticas y electorales
 - 7.3.3.2. Actitudes ante la guerra y la violencia
- 7.4. RELIGION Y NORMATIVIDAD SOCIAL
 - 7.4.1. Sistemas normativos
 - 7.4.1.1. Norma sagrada y profana
 - 7.4.1.2. Religión, derecho y ley
 - 7.4.2. Estructura social y ética social
 - 7.4.3. Anomía social
 - 7.4.4. Religión, sexo, familia
 - 7.4.4.1. Religión y sexualidad
 - 7.4.4.2. Religión, familia, parentesco
 - 7.4.4.3. Religión y matrimonio
 - 7.4.4.4. Religión y matrimonio mixto
 - 7.4.4.5. Población y natalidad

O apreço, a importância e o valor que aqui registamos, de tão útil instrumento de trabalho, não são motivados pelas apreciações altamente positivas, que têm surgido em diversas revistas especializadas, mas sim pelas inúmeras e possíveis pistas bibliográficas que nestas obras podemos encontrar, para muitas das questões que a Historiografia actual sugere.

José Antunes

G. Dufour, L. Huiguerela del Piño, M. Barrio Gozalo, *Tres Figuras Del Clero Afrancesado (D. Felix Amat, D. Vincent Roman Gomez, D. Ramon de Arce)*. Publications de FUniversité de Provence, Études Hispaniques 11, 1987, 201 pp.

Reunem-se nesta publicação, parcialmente subsidiada pelo Greco e C.N.R.S., as Actas da 2.^a Mesa Redonda sobre o Clero Afrancesado, que teve lugar em Aix-en-Provence em 26 de Abril do ano passado.

Em Espanha, o tema dos afrancesados tem-se revelado, de há longa data, seara fértil de pesquisa. Basta recordar os trabalhos pioneiros de Méndez Bejarano, *Historia Política de*

los Afrancesados (1912), Marcelin Defourneaux, *Pablo de Olavide ou VAfrancesado (1725-1803)* (1959), e de Hans Juretschke, *Los Afrancesados en la Guerra de la Independencia* (1962), e, mais recentemente, os preciosos contributos, entre outros, de Miguel Artola, G. Dufour, Higuera del Piño e Brines Blasco. Conjunto de referências que nos dão também e paralelamente a medida exacta do nosso escasso conhecimento sobre idêntico campo de exploração para a realidade portuguesa, pois que nenhuma obra específica, antiga ou actual, poderíamos a este respeito evocar.

No longo e rico itinerário historiográfico, que apenas nos limitámos a sinalizar, esboçam-se actualmente novas e promissoras vias de tratamento do diversificado e numeroso conjunto dos afrancesados espanhóis durante a guerra da independência. Não está fora de questão a revisão crítica de categorias de comportamento político — como colaboracionista, juramentado e afrancesado ideológico — nem a análise, numa perspectiva de conjunto, das influências e manifestações tardias da Ilustração na transição do século XVIII para o XIX. Pelo contrário, a aproximação a um estudo sociológico tenderá a conferir maior rigor e nitidez aos contornos sócio-culturais do afrancesamento. Nesta perspectiva que agora se divisa, é a dinâmica dos próprios grupos sociais em finais de Antigo Regime que é também questionada.

Como se infere privilegiou-se, num primeiro momento, as várias manifestações de afrancesamento no interior do Clero, tema que foi lançado no primeiro encontro de Aix-en-Provence, realizado em Janeiro de 1985 e cujas actas se encontram publicadas. Como nos diz Gérard Dufour, no prefácio à obra que por ora apresentamos, tornava-se imperioso «revisar seriamente el tópico segundo el cual el clero español, en sua inmensa mayoría, demostró ser un decidido adversario del nuevo regimen originado en las renuncias de Bayona en 1808». Ponto de vista que este Autor desenvolve ao precisar a ideologia e a actuação de D. Ramon de Arce, Arcebispo de Zaragoza, Patriarca das Índias e Inquisidor Geral de Espanha de 1789 a 1808. Nem sempre hostil ao jansenismo, Arce foi todavia, um intransigente defensor da Inquisição, opondo-se sólidamente às aspirações de reforma deste tribunal esboçadas na Junta de Teólogos para esse efeito convocada em 1793, e às ofensivas anti-inquisitoriais do Bispo Távira e Jovellanos. No mesmo sentido aponta a sua refutação à carta-manifesto do Abbé Grégoire, cuja divulgação viria também a proibir.

Acima de tudo, Ramon de Arce, figura emblemática e cimeira da instituição eclesiástica, foi por algum tempo, um

Recensões

dos elos fortes nas relações entre o poder temporal e espiritual em Espanha. Favorito de Godoy, favorito igualmente do monarca intruso D. José Napoleão I acabaria, ao contrário de Aranza, Felix Amat, O'Farril, Llórente, Suarez de Santander e outros, por nunca sentir a necessidade de refutar a sua conduta passada, acomodando-se ao exílio em Paris.

Mais complexo se afigura o envolvimento político de D. Felix Amat, arcebispo titular de Palmira e abade da Granja, depois da abdicação de Fernando VII. Segundo Huiguerela del Piño, Amat permanece como «una de las personalidades eclesiásticas más interesantes de su época porque será de los pocos que adopten una actitud responsable ante las grandes incitaciones ideológicas que se presentaron al clero español de finales del siglo XVIII e principios del XIX, como que el jansenismo, la Ilustración y el liberalismo».

O confronto da trajectória político-cultural de Amat com o colaboracionismo linear e ocasional do cónego de Segóvia, D. Vincent Ramon Gomes, permite, sem margem para dúvidas, distinguir e distanciar o caso atípico e excepcional do fenómeno mais corrente de colaboracionismo no clero regular e secular.

No termo deste percurso de leitura de um trabalho colectivo que, estando ainda nas margens da prosopografia, abre interessantes e ricas perspectivas de confronto e reflexão, a nossa memoria arrasta-nos inevitavelmente, para a evocação de situações de afrancesamento no clero português, onde se denotam sensíveis pontos de contacto com alguns processos mencionados. Ocorrem-nos, por exemplo, os casos do Bispo do Porto, D. Antonio de S. José e Castro, do Inquisidor Geral, D. José Maria de Melo e do Cardeal Patriarca de Lisboa, D. José Francisco Miguel Antonio de Mendonça.

Trabalhos como este, poderão constituir um bom estímulo para um estudo em profundidade, que há tanto tarda.

Ana Cristina Bartolomeu (iAraújo)

J.-F. Labourdette, *Le Portugal de 1780 à 1802*, Paris, SEDES, Col. Regards sur FHistoire, 1985, 178 pp.

Foram recentemente publicados na Colecção Regards sur FHistoire (SEDES) e sob a direcção de André Corvisier, três títulos que têm em comum a análise do mesmo período para Espanha, Portugal e Itália. Estão por conseguinte, a par desta obra as de Ph. Loupés e J. Georgelin respectivamente,